

Anotações da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 23 de outubro de 2019

Texto de referência: J. Carrón, L. Giussani, Quem é este?, Passos-Litterae communionis, n. 219, out. 2019, pp. 19-30.

- *Foi Deus*
- *Noi non sappiamo chi era*

Glória

Olá a todos os presentes e aos que nos estão acompanhando pela transmissão. Vamos começar o trabalho deste ano tendo por tema a Jornada de Outubro, que nos trouxe aos olhos a situação em que somos chamados a viver a fé, um contexto cultural que Umberto Galimberti definiu como niilismo. Não é tanto uma questão de filosofia para quem é da área, pois sabemos o quanto esse problema nos diz respeito a todos; de fato, muitas vezes nós ficamos à mercê de tudo; numa imagem ao alcance de todos que permite entender o que é o niilismo, somos como canhões soltos, não nos ligamos a nada, e por consequência ficamos à mercê das circunstâncias. Diante dessa experiência, não vamos escapar só enchendo a nossa bola, soltando frases ou tapando o sol com a peneira, porque seria enganar-nos, sendo que estamos aqui justamente por causa da estima que temos em relação à nossa vida e de uma seriedade com a nossa vida. Por isso dissemos – seguindo Dom Giussani – que não há outra forma de responder ao niilismo senão com a experiência. É uma coisa que repetimos bastante, mas que nem sempre é entendida; às vezes requer tempo para entender.

Vou ler a mensagem que mandei a um amigo: “Ontem à noite, na Escola de Comunidade, entendi mais a experiência. Enquanto escutava a todos esses amigos, a certa altura quis dizer: ‘Será que vocês não percebem? Talvez para o último a chegar [embora meu caso fosse um retorno] seja mais evidente: nesta companhia acontece algo que é humanamente impensável no mundo’. E fiquei com vontade de fazer uma comparação com o que vivi no ano passado. Estive na África por catorze meses, voltei, e todo mundo, ao me encontrar, acabava me dizendo: ‘Deve ter sido uma grande experiência... Que experiência legal...’, e assim por diante. Mas é tudo balela, porque a gente pode até fazer algo fora do nosso jeito ordinário de viver, mas se falta o eu, até catorze meses na África podem não ser experiência. É incrível, mas esses catorze meses (e tudo o que havia antes) estão se tornando experiência para mim agora. Como é possível? Porque eu encontrei vocês. Todo o mundo cala, não olha, não leva a sério o eu, corre atrás de tentativas de resolver os problemas com as próprias forças e segundo as próprias ideias. Aqui acontece algo diferente. Nesta companhia nos levamos a sério. Isso continua sendo para mim uma coisa de outro mundo! Porque não é que todos sejam melhores, que os defeitos ou as dificuldades desapareçam, e muito menos que estejam todos em sintonia. Mas a todos nós e a cada um individualmente aconteceu algo que nos tomou, que nos mudou. Porque finalmente Alguém nos disse: ‘Esse coração indomável que você tem, com todo o seu desejo, fui Eu quem lhe dei, e não é um erro. Você não é um erro, esse desejo de ser amado que nada consegue satisfazer não é um azar que você teve’. Então a gente pode fazer experiência, experimentar uma inteligência do sentido das coisas que te tira dos seus esquemas, que te livra dos seus projetos e dos seus cálculos, para te escancarar ao encanto com a realidade que acontece – para além de você, mas principalmente para você – em virtude de um encontro, carnal, objetivo, verdadeiro, que desperta o seu coração, o seu eu. E onde é que dá para ver que é verdadeiro? Porque te muda, porque introduz uma novidade em você, que nem com o maior esforço você poderia realizar. Pois então, essa é a graça que estou vivendo. E eu surpreendo a novidade de mim no trabalho, nas relações e com meus pais”. Obrigado.

Obrigado, querida. “Até catorze meses na África podem não ser experiência”. Qual é a razão? Você disse: porque falta o eu. Quando o eu falta, somos jogados de lá para cá, e então precisamos voltar

para um lugar onde podemos levar o eu tão a sério, que começamos a cuidar daquilo que vivemos. Mas o que acontece quando a gente não se dá conta do que está vivendo? Corre atrás – este foi o jeito como você descreveu o niilismo – das tentativas de resolver os problemas com as próprias forças, que não resolvem nada. Cada um de nós, qualquer que seja a hipótese com que se posiciona perante a questão, tem de fazer a verificação do que lhe serve de verdade para viver e para responder ao problema de não ser jogado de lá para cá, e do que não lhe é de ajuda. E você, justamente por ter verificado que as tentativas feitas não davam os frutos desejados, conseguiu perceber a diferença no que encontrou quando voltou da África: só um lugar onde se leva o eu a sério é que te muda, nele você faz experiência daquilo que introduz em você essa novidade, uma novidade que nem o maior dos esforços pode produzir. Se ficarmos atentos ao que este lugar nos propõe, podemos cuidar de verdade, como dissemos nas férias e como repetimos na Jornada de Outubro, do fato de que “o caminho para a verdade é uma experiência”. Há alguém que aprendeu isso?

Na Jornada de Outubro você fez de cara uma pergunta: “É verdade mesmo que o caminho para a verdade é uma experiência?”. Essa pergunta me obrigou a fazer um trabalho, para identificar na minha vida a verdade dos conteúdos que você nos propôs. Alguns fatos ocorridos me ajudaram nesse trabalho. Uma noite, com um grupo de amigos, conversamos sobre a vida, e um em particular falou do seu trabalho e de como vai trabalhar feliz, consciente de que o trabalho é a porção de realidade onde o Mistério se faz presente na sua vida. Ouvindo, eu disse a mim mesmo: “Bonito, desejável”. Senti um contragolpe positivo; mas um instante depois eu já estava escapando para longe, na medida em que prevalecia em mim o pensamento: “Mas eu não sou assim”. E tudo de mim tendia para um esforço de ser adequado ao que tinha me marcado. Estava sufocando. Ainda bem que um amigo falou, fazendo uma pergunta simples: “O que é que diz a mim, a nós, isso que escutamos? O que é que nos aconteceu, mesmo que não tenhamos a mesma consciência que ele tem?”. Com essa pergunta no coração dormi pouco e me dei conta de que – como você disse na Jornada –, escutando aquele amigo, no momento em que ele falava, eu estava todo tomado pelo que estava acontecendo na minha frente: Cristo estava lá por mim naquele amigo “tomado” – como você disse – “até às entranhas”. Como é estranha a vida: Cristo acontece e eu O deixo escorregar pelas mãos, antepondo sempre as minhas reações, o meu estado de espírito; mas Cristo não larga mão e imediatamente se reapresenta mediante um amigo que não te deixa ir para a cama tranquilo, que não te permite deixar escapar o que está acontecendo. A consequência imediata de que fiz experiência foi entender que naquela noite alguma coisa aconteceu, e que quando acontece não permite que você se reduza ao seu limite e às suas incoerências, porque, acontecendo Ele, eu descobri que o meu coração é irredutivelmente feito para Ele. Essa consciência de ser o coração irredutível me trouxe uma grande paz, eu parei de sufocar.

Como dissemos na Jornada, fatos podem ocorrer, mas nós os deixamos escapar. Os Evangelhos falam de fatos, de milagres, que sucediam na frente de todos, mas muitas vezes as pessoas não se admiravam como Jesus se admirava, como quando declarou ao centurião: “Em ninguém encontrei tanta fé assim” (cf. Mt 8,5-12), uma capacidade de reconhecer quem Ele era como a do soldado romano. O que você disse de si mesmo pode ocorrer também conosco: não é que não aconteça nada, mas um instante depois deixamos escapar. Ainda bem que o Mistério ainda tem piedade de cada um de nós e nos recupera: o que aconteceu enquanto seu amigo falava? Se nós deixarmos isso escapar, se não fizermos um trabalho, se não estivermos dispostos a aceitar qualquer sinal que venha do real, aos poucos não restará nada disso que acontece e acabaremos por ficar à mercê de nós mesmos e de tudo o que nos circunda. Por isso requer-se, como se disse antes, a nossa presença: que haja o nosso eu. Não é que as coisas não aconteçam, mas se, depois de tê-las identificado, um segundo depois as deixamos escorregar pelas mãos, ficamos sozinhos com as nossas tentativas, que não conseguem tomar-nos, pois são frágeis demais. Mas quando eu deixo passar, quando tiro o olhar do que acontece diante dos meus olhos, imediatamente percebo o efeito: sufoco. Veem como na experiência se acendem algumas luzes de alerta? Quando porém eu capto o que está acontecendo e tomo consciência – mesmo eu sendo o mesmo desastre de antes –, começo a experimentar uma paz,

como você disse: “Uma grande paz, eu parei de sufocar”. Há sinais pelos quais nós podemos dar-nos conta quando não estamos captando algo que está aí e quando, ao contrário, simplesmente, sem ter de fazer sei lá o quê, reconhecemos que é Ele porque muda algo: já não sufocamos. Numa situação como a atual, sendo jogados de lá para cá, o desafio é este: diante do niilismo, a fé resiste, o cristianismo resiste?

Sexta-feira foi um dia muito pesado: com toda a semana sobre as costas (o trabalho, os filhos, os compromissos...), eu estava bem cansada. Só tinha um último “esforço” a fazer: acompanhar um dos meus filhos à academia. Ali, por acaso, encontrei uma jovem mulher que conheço, porque suas filhas estão na mesma classe que meus filhos na nossa cidade. Começamos a bater papo e eu comecei a reclamar da semana, até que ela me interrompeu e perguntou: “Por acaso você conhece um bom padre?”. Eu fiquei meio sem jeito, porque nós nos conhecemos: ela sabe que eu pertencço ao Movimento e eu sei que ela não tem fé. Então me olhou – eu estava sem palavras – e me disse: “Sabe, eu não consigo mais fingir que nada está acontecendo, agora já é cíclico, não consigo mais manter sob controle o desejo de achar um sentido para a minha vida. Abandonei a fé que meus pais me comunicaram durante a adolescência, porque não resistia. Às vezes tento sufocar essas perguntas, mas depois de um tempo elas voltam a aparecer. Percebo que tenho uma necessidade enorme de ser amada; as coisas que tenho já não me bastam”. Eu fiquei boquiaberta, comovida, e aí comecei a contar do caminho que estou fazendo, até chegar a citar a Jornada de Outubro; e enquanto lhe dizia: “Sabe, o Carrón começou citando um psicanalista, Galimberti”, ela me interrompeu e disse: “Isso! É o niilismo! Estou bem nesse ponto!”. Continuei contando da companhia cristã que frequento e ela me disse: “Olha, eu também queria amizades assim”. Então lhe disse: “Eu queria muito uma amizade assim com você!”, e ela respondeu: “Eu sei, por isso é que falei”. No dia seguinte, perto das seis da tarde, eu lhe dei a Passos na qual estava o texto da Jornada, e no dia seguinte, às dez da manhã, ela me viu e me disse: “Já li tudo! Obrigada! Está me ajudando enormemente!”. Então a convidei para a Escola de Comunidade desta noite, e também me marcou que imediatamente ela me disse: “Sim, eu vou!”, sem hesitar. Para mim foi um presente enorme o que aconteceu, porque ver uma mulher com uma pureza e uma lealdade do tipo me fez desejar também ser assim, ter um coração assim. É estranho, porque eu estava muito cansada, mas depois desse encontro voltei a ter uma energia enorme, como se tivesse sido mesmo revigorada. Estou muito grata, porque entendo que a graça que me aconteceu ao encontrar Jesus no Movimento é um tesouro mesmo; tenho percebido que carrego comigo um grande tesouro, e que com certeza alguém está esperando por ele.

Nós também, como você disse no começo, podemos estar à mercê de tudo – um dia pesado, a semana com todas as suas complicações – e deparar com uma amiga que está na nossa mesma situação e que já não consegue viver sem um sentido. E isso é realmente consolador, porque significa que não precisamos de nada exceto acertar as contas com a nossa amizade. Pobres coitados que somos, não temos de estar à altura de nada, nós que encontramos a Cristo e o outro que está em busca de um sentido para viver. Como podem ver, o último a chegar pode tornar-se um dom para nós e nós para ele, porque estamos todos desejosos de encontrar algo que nos tome. E quando a gente encontra, logo vem à tona a disponibilidade da pessoa, como você disse: uma pureza e uma lealdade que comovem. Muitas vezes ficamos desconcertados com pessoas recém-conhecidas, como ocorreu com Jesus no Evangelho: “Em ninguém encontrei tanta fé em Israel”, referindo-se ao centurião. Assim hoje como naquela época! Por isso todos somos companheiros de caminho, e os últimos a chegar nos tornam conscientes do que vivemos, mesmo por meio da *Passos* – aquela *Passos* que muitas vezes nem folheamos! Nem lemos, enquanto essa amiga leu em menos de vinte e quatro horas, e isso nos mostra como desperdiçamos os dons que o Mistério nos dá –. Como se deu com você, pode ocorrer a qualquer um de nós. O niilismo, que é a falta de sentido, é justamente aquilo que paradoxalmente nos facilita ao interceptarmos alguém em quem dá para ver acontecer algo. Afinal, entre todas as pessoas que tinha ao redor, ela perguntou sobre o padre justamente a você, pelo desejo de uma relação que a tirasse da situação de falta de sentido em que estava.

A propósito, um amigo perguntou: “A autoridade é uma pessoa, uma pessoa com nome e sobrenome?”. Se prestarmos atenção a como se passaram as coisas que acabaram de contar, não é que aquela mulher encontrou uma abstração, mas encontrou uma pessoa com nome e sobrenome, uma amiga na qual viu algo que a interessava. O mesmo amigo perguntou: “É necessária uma afinidade afetiva particular?”. Todas essas problemáticas em que ficamos presos (como se a realidade tivesse de entrar à força dentro de uma imagem) desaparecem quando somos realmente necessitados: tudo é mais fácil se temos uma pureza e uma lealdade perante o que acontece. Por isso são autoridades aqueles em que vemos que o niilismo é vencido, qualquer que seja a situação em que se achem, os erros que tenham cometido (como Maria Madalena, a pecadora). Nada disso importa, tudo o que para nós representa uma objeção não constitui obstáculo algum: a pessoa ter ido embora ou se afastado por um tempo, ainda não ter encontrado, estar distraída, etc., a única coisa que conta é a lealdade, a pureza com que se põe diante da maneira pela qual o Mistério vem tomá-la agora. A experiência que fazemos no presente nos faz entender ainda mais a dimensão dos relatos evangélicos, e me impressiona que os relatos citados na Jornada de Outubro se tornem o cânone, o paradigma pelo qual nós descobrimos a novidade que Cristo introduziu na nossa vida.

Nestes dias, ao trabalhar sobre a Jornada de Outubro, fiquei muito marcado com a situação que você explicou com o exemplo de Madalena. No final, na página 6, você disse: “A diferença é evidente quando nos deparamos com uma pessoa agarrada até o fundo. Esta é a fé”.

É o que Jesus lhe diz: “A tua fé te salvou” (cf. Lc 7,36-50).

O fato é que eu me perguntei o que a fé era para mim, e percebi que para mim sempre foi a questão – digamos – de uma “afirmação pétrea” e de algumas coisas a fazer, a praticar (a Escola de Comunidade, as orações, a Missa). E sempre me contentei com isso. Agora, porém, com o passar do tempo, me cansei de viver algumas coisas sem deixar espaço para a minha humanidade toda inteira, e me impressionou muito como você pôs em correlação a fé com o afeto, com o ímpeto por algo, por alguém, como se deu com Madalena. Então me veio uma pergunta: o que significa viver a fé? Por que ela está em correlação com o afeto? Eu vivo momentos de afeição quando jantamos juntos no grupo de Fraternidade, vivo uma afeição sincera com alguns amigos ou amigas; vivo, me consumo em alguns gestos, como o do Happening que fizemos em setembro com a nossa comunidade (que me fez entrever um “a mais” e me permitiu aumentar amizades gratuitas e bonitas). Isso é suficiente? Isso é viver a fé?

Deixe essas perguntas abertas. Não tenhamos pressa em fechá-las com uma definição, porque, como você viu – é impressionante o que você descreveu! –, muitas vezes o cristianismo é reduzido a doutrina – na sua linguagem, uma “afirmação pétrea” – ou a ética – como você disse, “algumas coisas a fazer” –. Esse é o padrão normal a que se reduz o cristianismo. “E sempre me contentei com isso”, disse. Mas agora você se dá conta de que isso já não é suficiente! Para mim, é muito interessante que nós, quando estamos diante da passagem do Evangelho que citamos na Jornada de Outubro, a transformamos em cânone ou paradigma para julgar: Madalena vivia algo que nós perdemos, com todas as nossas afirmações pétreas e com todas as coisas a fazer. O Evangelho começa finalmente a falar: sem grandes discursos, mas simplesmente com alguns relatos comunica-se a natureza do cristianismo que tantas vezes nos escapa, mas que nos impressiona e que desejamos – graças a Deus, e porque você já não se contenta com um cristianismo reduzido, porque a sua humanidade já não se contenta (entende que papel decisivo tem a sua humanidade?) –. Por isso digo que a situação em que vivemos pode tornar-se uma ocasião maravilhosa para nos darmos conta do quanto reduzimos o cristianismo a doutrina ou a ética. Para Madalena, o cristianismo não era principalmente nem doutrina nem ética, mas o estar totalmente tomada pela presença de Alguém, que evidentemente fazia certas afirmações e fazia certas coisas. Mas primeiramente era Alguém que a tomava totalmente! Nós podemos repetir essas coisas com palavras, mas no fundo reduzindo o cristianismo a doutrina e a ética. Mas o cristianismo é o acontecimento do Verbo (a doutrina) feito carne. Se não se faz carne não me toma totalmente, até às entranhas! Dizer que tem a ver com as entranhas não significa reduzir a fé a um sentimentalismo, mas reconhecer que, se não

chega até aí, ficamos à mercê de tudo o que nos rodeia. Foi suficiente ter exposto a todos uma passagem do Evangelho dentro do percurso que estamos fazendo, para que ela começasse a falar à nossa vida como antes não falava. Quantas vezes você não escutou, quantas vezes não escutamos o trecho de Maria Madalena! No entanto, agora nos fala com tamanha força que nos faz descobrir a redução do cristianismo que efetuamos e que você descreveu milimetricamente: uma “afirmação pétrea” e “coisas a fazer”. Podemos estar comprometidos em fazer as coisas da associação e em repetir entre nós afirmações, mas sempre vai permanecer a pergunta de Jesus: “O Filho do Homem, porém, quando vier, encontrará fé sobre a terra?” (Lc 18,8). Fé no sentido que estamos dizendo, ou seja, como sermos tomados pela presença d’Ele. Isso é impressionante, o que é a fé, de fato? A fé é reconhecer uma Presença que te magnetiza, que te cola, que te toma totalmente. Mas então, para entender se o que você diz é suficiente, o que é preciso?

A Jornada de Outubro avivou em mim a pergunta do que significa “ser gerado” e “ser filho”. A primeira luta que tive de vencer foi para não reduzir essa pergunta a uma imagem de “quem é pai para mim” e a uma questão psicológica ou sentimental. Era tudo reduutivo demais, e eu via isso pelo fato de não produzir em mim aquela liberdade e aquela letícia tão desejáveis...

Veem como logo aparecem os sinais de que algo não está bem? A imagem que fazemos não produz a liberdade e a letícia.

Pelo contrário, quase complicava mais a minha vida. Então aceitei pôr em prática aquele trabalho indicado de olhar para a experiência e de julgá-la.

“Olhar para a experiência” é um bom trabalho! Não o demos por óbvio, já que continuamos cometendo sempre os mesmos erros. Estamos aqui “há séculos” e continuamos cometendo os mesmos erros porque não aprendemos nada com a experiência.

Eu queria ver onde e como o Senhor ia decidir fazer-se surpreender vivo e presente de novo na minha vida. Vou contar dois fatos. O primeiro é que há cerca de um mês eu estive contando a minha experiência junto com duas outras mulheres muçulmanas sobre o tema “Mulheres de paz, de solidariedade e de diálogo”. Depois da primeira fala delas, eu contei de mim, da minha experiência, mostrando inclusive umas fotos. A muçulmana mais nova agradeceu, porque nas fotos tinha visto pessoas sorrindo, e disse: “Dá para ver que é um sorriso verdadeiro”. A segunda mulher, que até aquele momento tinha falado em termos sociológicos e “por categorias”, sentiu-se livre para dizer: “Talvez seja melhor que agora eu lhes fale de mim”. Entre nós três realmente aconteceu um encontro; entrando no carro, eu me disse: “Olha só o que Jesus sabe fazer quando acontece! Muda o coração! E torna mais humanas as relações. Isso só Ele é quem pode fazer!”. Voltei para casa com uma afeição e uma liberdade renovadas, que tenho trazido comigo até no ambiente de trabalho. Com efeito, o segundo fato que quero contar aconteceu na escola. No começo do ano letivo se apresentou uma mãe árabe com o nicabe, o véu preto que cobre o corpo inteiro e só deixa descobertos os olhos. O constrangimento de todos se sentia no ar, e sinceramente eu também senti o golpe de tamanha diversidade. Nos dias seguintes, no diálogo com essa mãe devido a alguns problemas do filho, olhei nos olhos dela, até com certa ternura, querendo ir além daquela aparência tão distante de mim. Enquanto olhava para ela, pensava em quantas vezes Jesus fez assim comigo: me olhou nos olhos e veio procurar meu coração! Eu também comecei a desejar olhá-la assim. E aconteceu que uma manhã, enquanto conversávamos, ela inesperadamente levantou o véu e me mostrou seu rosto jovem. Senti o choque e disse a mim mesma: “Quem é você, Jesus, que quando acontece como memória em mim torna também o outro, tão diferente, mais livre para ser quem é e revelar o próprio rosto?”. Eu me redescobri ainda mais filha da Sua ternura e da Sua fidelidade na minha vida. E meu aluno também começou a mudar. É verdade mesmo que para entender o que significa ser filho não é preciso raciocinar, mas é só deixar-se simplesmente surpreender e gerar pelo que acontece e por Quem acontece. É um ótimo início de ano! Obrigada.

É impressionante, porque, como vemos, não é preciso nada de especial. Podemos estar numa sociedade multicultural e encontrar pessoas completamente diferentes de nós, como estamos vendo esta noite e como era no tempo de Jesus, quando cruzava com um centurião ou um samaritano –

curou dez leprosos, mas só um samaritano voltou para agradecer –. Em que é que se vê que aquela jovem mãe, em sua diversidade, participa daquilo que Jesus introduziu na história? Porque começa a ser ela mesma, do jeito que você menos esperava; afinal, uma pessoa sentir-se tão à vontade na sua frente a ponto de descobrir o rosto é realmente imprevisível. Ela deve ter tido um estereótipo do cristão ocidental, assim como nós podemos ter tido o de uma mulher muçulmana, mas nenhum estereótipo impede que, num dado momento, ela possa ser investida por um olhar que a faz sentir-se livre para ser ela mesma até o ponto de “revelar-se” a você, e você poder maravilhar-se com ela. Isso fala mais do que qualquer comentário que possamos fazer com nossos discursos, fala mais do que todas as dificuldades que possamos enumerar sobre a possibilidade de comunicar a fé na situação multicultural em que estamos. Diante de fatos como este, não há palavras a acrescentar, pois experimentamos com surpresa que quando nos deixamos gerar pelo olhar que Jesus introduziu no mundo e que chega até nós através da nossa história, nós também começamos a gerar, dando uma contribuição aos outros para se tornarem eles mesmos. O Evangelho não diz como continuou a história do centurião com Jesus e com o Mistério. Ele é que teve de assumir as rédeas depois, e Jesus não parece muito preocupado com isso. O Evangelho não diz que Ele ficou pensando: “O que será que vai acontecer depois do milagre que realizei?”. Jesus capta aquele instante de abertura do centurião e o expõe a todos: “Em ninguém encontrei tanta fé assim”, um reconhecimento tão grande da Sua presença. Por isso, se nos deixarmos marcar de verdade pelo que vemos acontecer no nosso modo de olhar, de entrar em relação com as pessoas, podemos achar uma resposta ao que estamos procurando. Mas será que isso está em condições de resistir ao impacto da passagem do tempo? Quem foi que viu na própria experiência que resiste?

“Quem é este?”. Eu acho que essa pergunta – melhor: o fato de nas circunstâncias fazermos essa pergunta – é a única possibilidade para entender o que resiste ao tempo. Quando, cego, eu não enxergava alguém que, quase sem nem sequer pensar, me fizesse perguntar “Quem é este?”, eu sentia que tudo poderia acabar mais cedo ou mais tarde. Até o amor mais doce ou a amizade mais querida. Tive de vaguear, às vezes aparentemente sem sentido. Depois entendi que meu vaguear era para buscar um sentido, porque a pergunta “Quem é este?” eu tinha feito muitas vezes no meu passado, e estranhamente ou milagrosamente ela não me abandonava, embora ultimamente, nos últimos tempos, tenha ficado debaixo dos panos, escondida de algo de mim que não sei. Eu dizia que essa pergunta é incômoda, pelo menos para mim, pois fazê-la é um trabalho de adulto que não precisa ser recompensado por nada, por nenhuma primeira fileira, nem por gratificações mundanas ou religiosas, que passam sem deixar rastros. Perguntar-se “Quem é este?”, para mim, é um trabalho de adulto porque é reconhecer um Amor que de algum modo já é tudo. Vou contar uma coisa para explicar por que estou dizendo isto. Meu irmão e minha cunhada entraram no Movimento na idade adulta. Em trinta anos de Movimento eu nunca lhes falei do Movimento! Por uma questão particular, foram falar com a minha mulher e ela os mandou para a sua Escola de Comunidade. Depois deram alguns passos e agora participam do nosso grupinho de Fraternidade, já que depois de três ou quatro anos se inscreveram na Fraternidade. Quando houve a assembleia anual dos novos inscritos na Fraternidade, meu irmão e minha cunhada voltaram e pareciam João e André, porque, enquanto contavam, para todos nós que estávamos ouvindo era evidente, não havia nenhuma dúvida de que tinham encontrado alguma coisa diferente. Eu estava num momento em que achava que já não houvesse nenhuma novidade para mim, tudo me parecia um conjunto de palavreados já ouvidos, de muitas polêmicas, de muita presunção de saber, tanto em mim quanto nos outros... Um tédio! Enfim, eu estava bem entediado. Mas aqueles dois voltaram e disseram: “Quando o encontro acabou, não queríamos ir embora, porque nos sentimos tão compreendidos e amados!!!”. Então eu, olhando-os, disse a mim mesmo: “O que eles veem que eu não vejo mais?”. Depois, na Jornada de Outubro, entendi que eles são uma autoridade para mim. Justo eles dois, sem nenhum pré-requisito específico de “etnia de CL”, naquele momento eram autoridade para mim, no sentido em que diz Giussani: “A autoridade é o lugar onde a verificação entre a percepção, entre as exigências do coração e a resposta que é dada pela mensagem de Cristo é mais

límpida e mais simples, e portanto mais pacífica” (p. 26). Esse é o motivo por que somos um grupo de Fraternidade, e quando nos encontramos não há nem formalismos nem justas medidas, ajudamo-nos com muita liberdade a aproveitar a presença de Cristo entre nós e principalmente a perguntar: “Quem é este?”. E, ainda que eu continue vagueando, estou cada vez mais feliz, porque me sinto um pouco como o cego de nascença: podem me dizer o que quiserem, mas agora eu estou feliz e antes não estava. Também tenho de agradecer a você, porque nestes quinze anos, mesmo não nos conhecendo, me senti acompanhado de verdade por você ao seguir Giussani. Obrigado.

O que seu irmão e sua cunhada veem que você já não vê, apesar de estar aqui há trinta anos? Você poderia ter começado a se flagelar, mas preferiu segui-los, simplesmente, foi atrás deles. Em vez de se julgar por quanto estava “cego”, seguiu com simplicidade a forma com que o Mistério veio resgatá-lo. Essa é a autoridade, aquele em quem se vê que o que se deseja acontece de maneira mais límpida, como disse Dom Giussani. Por isso, se a pessoa é simples – não importa como se sente –, deixa-se gerar pelo último que chega, porque precisamente o último a chegar lhe é dado para aproveitar aquela Presença que tantas vezes já não conseguimos ver, identificar. Como já não vemos, o Mistério põe na nossa frente alguém de carne e osso no qual Ele se faz evidente. Mais do que isso, o que Ele pode fazer? Por isso, quando a gente se dá conta disso, não pode dizer outra coisa, como você disse, a não ser o que respondeu o cego de nascença: “Deixem-me em paz, antes eu não enxergava e agora enxergo”; antes você não estava feliz e agora está.

Uma pessoa me escreveu que às vezes é como se a gente tivesse medo de um pai, de uma autoridade como a que foi descrita agora. Não é imediato reagir como você fez diante do seu irmão e da sua cunhada, porque diante de uma autoridade a gente pode começar a se medir: “O que será que o outro vai pensar? O que vai dizer de mim?”, pondo-se o problema se é adequado, se está à altura, em vez de se deixar investir pelo fato de ali, naqueles dois que contaram da Assembleia, estar acontecendo a vitória de Cristo. É esse reacontecer da vitória d’Ele o que purifica de novo o olhar e nos torna livres de novo, o que vence o medo daquilo que o outro vai pensar de nós. Por isso temos de estar atentos à experiência: quem é verdadeiramente pai?

Voltando para casa depois da Jornada de Outubro, eu estava repleta do que tinha ouvido e que tinha acontecido. Num determinado momento, porém, comecei a pensar nas pessoas que encontro diariamente, por acaso ou no trabalho, e de repente me nasceu a pergunta: “Por que é que eu tenho o problema da autoridade? A vida já está cheia de problemas, por que tenho de ter também esse problema?”. Desde logo essa pergunta me comoveu e encheu de silêncio, como se dá quando algo ou alguém te força a parar e olhar. Se a pergunta me comoveu, a resposta me fez – e me faz até agora – tremer as pernas, como quando você se sente investido por uma coisa enorme: a autoridade é a maneira com que Deus se deu a conhecer a mim, é o método com que Ele entrou na minha vida. Podia não tê-lo feito, mas o fez. E o fez com um rosto (e não com outro), num lugar (este e não outro). Tomar consciência disso quase me tira o fôlego. Que tremor e que gratidão! Aos poucos, com o tempo, estou percebendo que toda a realidade pode ser autoridade, o Mistério pode fazer-se encontro a mim dos jeitos mais estranhos e imprevisíveis. E eu reconheço os Seus traços inconfundíveis no fato de que todas as vezes a vida volta a falar. Porém há um ponto constante em que eu faço uma experiência particular de autoridade, em que vivo e revivo aquela explosão de liberdade de que fala Giussani, e esse ponto é você, ou melhor, é a experiência de fé que você vive. Se penso neste período, a coisa que mais me empolga e me contagia é a sua obediência e o seu amor à realidade; e eu sei que isso só é possível se se está em relação com Quem a gera. Obrigada. Posso fazer uma pergunta? Há uma pessoa que me escreveu, como você disse antes: “Toda a realidade é autoridade”. Então não bastaria viver a relação com a realidade, que já é autoridade? Por que você precisa acrescentar nome e sobrenome? Não está fazendo isso meio “personalistamente”? Comigo acontece assim: tenho momentos em que reconheço uma autoridade, mas depois...

“Mas depois”?

Depois recaio nas minhas aulas para preparar, nas minhas coisas cotidianas, reduzo tudo aos meus afazeres.

Agradeço essa resposta, porque muitas vezes a gente não se dá conta de que é verdade que, quando encontra uma presença, como ouvimos nos relatos desta noite, muda a forma de estar na realidade e tudo se torna sinal, autoridade, podemos dizer. Contudo, cedo ou tarde aparece um “mas”, um “porém”. Mas há algo antes do “mas”, como sempre nos ensinou Dom Giussani ao citar Guardini: “Na experiência de um grande amor, [...] tudo o que acontece torna-se um acontecimento no seu âmbito” (*L'essenza del cristianismo*, Bréscia: Morcelliana, 1980, p. 12). Há pouco tempo, uma amiga me contou que, tendo-se apaixonado, tudo lhe fala mais. Na história de um grande amor, ela começa a olhar com um olhar novo, diferente, até as coisas que normalmente a incomodam. Mas – como você disse –, a questão é o desafio que Giussani nos lança: verificar se esse amor dura no tempo quando não há ninguém que nos gera. Por isso afirma: “Ninguém gera, se não é gerado”. Se não continua a acontecer, a realidade deixa de me falar assim, a realidade já não se torna autoridade assim, já não se torna tão nova, como dissemos. Para deixar-se gerar, é preciso encontrar um pai, quem quer que seja, não importa o nome e sobrenome. A questão é que não basta ter sido gerado no passado, é preciso ser gerado agora, porque no momento em que deixa de acontecer, na nossa relação com a realidade voltamos à velha rotina. Sozinhos, com as nossas abstrações, não saímos do nada, não saímos do niilismo. “Pai” – me disse um amigo esta semana – “é alguém que reacende um nível da verdade da minha vida e me arranca da banalidade cotidiana”. Por isso é preciso um nome e sobrenome; cada um terá de identificá-lo, pois aqui se joga realmente a natureza do cristianismo. A paternidade, a autoridade – diz Giussani na Jornada de Outubro – é a coisa mais estranha à mentalidade comum, tanto é verdade que qualquer coisa que se identifica com ela corre o risco de ser tachada de personalismo. No entanto, sem uma paternidade, o cristianismo torna-se abstrato, e nós vemos isso porque deixa de nos conquistar. Por isso, penso que a situação particular em que vivemos, esse niilismo em que estamos vivendo, é paradoxalmente uma ocasião extraordinária, como estamos vendo, para reconhecer que uma “afirmação pétrea” e as “coisas a fazer” não nos tomam, que a redução do cristianismo a isso não nos basta para viver. E então podemos reconhecer que só quando acontece o que está descrito no Cântone, no paradigma que é o Evangelho, ou seja, que só quando estamos diante de alguém de carne e osso é que reconhecemos a presença de Jesus, porque nos toma pelas entranhas; só então há o cristianismo, e só então se demonstra na sua novidade de acontecimento que resolve a questão da vida. Se não te tomar até às entranhas, o cristianismo não vai conseguir ser uma resposta que nos agarra totalmente. Pelo contrário, quando acontece, com certeza nos agarra totalmente!

Quando este ano, neste ano inesperado, chegou em casa a carteirinha de inscrição da Fraternidade, eu me comovi, porque a sensação foi mesmo a de me sentir filha; me senti envolvida por um olhar paterno, por um olhar cheio de certeza. E quando na Jornada de Outubro ouvi falar de autoridade, não pude deixar de pensar em todas as pessoas que encontrei e que encontro (como também esta noite) e que continuam contribuindo para alimentar em mim essa certeza. Mas há um passo novo que estou dando neste caminho, que para mim começou, ao menos aparentemente, há pouco tempo: dar-me conta, perceber que tudo o que me acontece me constitui, ou seja, faz parte de mim mesma. Perceber que não é um sentimento ou tampouco uma emoção. Mas é um jeito de ser, um jeito de fazer. É como se tudo se multiplicasse na vida de todos os dias, e não consigo deixar nada de fora de tudo isso, não consigo deixar passar nada. Isso muda as vinte e quatro horas dos meus dias, e é como se o tempo e todas as coisas se multiplicassem devido à intensidade diferente com que as vivo agora. Alguns dias atrás, me aconteceu uma coisa que pode parecer banal. Conheci uma pessoa e, como sempre, trocamos perguntas para conhecer quem era o outro; percebi – e isso me impressionou – que falando e respondendo a essa pessoa, falando de amizade, de relações, de qualquer coisa, mesmo as coisas mais banais, eu não conseguia deixar de fora de nenhum tema tudo o que encontrei, não conseguia deixar Cristo fora de nenhum aspecto da minha vida! E a cada pergunta eu respondia com o que estava vivendo, e ele me dizia: “Que interessante isso!”, mesmo sem eu falar explicitamente de Cristo. É incrível, porque no passado eu deixava de lado a questão religiosa por medo de ser rotulada, não falava explicitamente, sendo que agora não

consigo evitar, não consigo abrir mão disso, até porque me faz sentir mais eu mesma. E me dou conta de que os olhos de quem está na minha frente, de quem me escuta, se escancaram quase mais do que os meus, como que dizendo: “Do que é que ela está falando?”. É mais ou menos como ocorreu comigo e como ocorre continuamente quando olho para as pessoas que estão totalmente tomadas por Ele. Vejo que agora eu é que estou tomada por Ele. E isso muda a vida, multiplica tudo! É como se sempre fosse domingo. Isso é viver! Eu identifico isso como experiência. Só me pergunto como posso fazer para reconhecê-Lo sempre nos meus dias, como posso fazer com que isso não me escape; tenho medo de que tudo isso de repente desapareça ou que as dificuldades possam fazer com que deixe de ser visível.

Não se preocupe. Ele disse: “Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28,20), portanto nunca vai desaparecer. A única coisa que temos de pedir é a simplicidade de coração para reconhecê-Lo quando acontece, como você está fazendo, porque é isso o que nos torna realmente filhos. É interessante quando a gente se surpreende gerado porque não deixa de fora nada do que vive, tudo fica investido pela novidade que Cristo introduziu no mundo; você não consegue falar das coisas da vida sem falar dessa novidade. Não é que seja preciso acrescentar a palavra “Cristo”, mesmo porque muitas vezes a gente acha que já sabe o que é Cristo. As pessoas se surpreendem ao ver a novidade que uma pessoa vive e que causa um fascínio, experimentam uma correspondência às suas expectativas que pode falar-lhes de Cristo mais do que se alguém dissesse aquele nome que acham que já conhecem. Este é o grande desafio que temos à frente – cada um de nós –: deixar-nos gerar, para que qualquer pessoa que nos encontre, pelos relacionamentos e as circunstâncias da vida, possa ver alguém em quem o niilismo é vencido. Porque este é o testemunho mais claro de Cristo que podemos dar: um lugar onde Cristo vence. Por isso, vamos continuar tendo diante de nós a Jornada de Outubro, o trabalho sobre ela não termina esta noite, ainda que começemos a trabalhar o próximo texto; ela vai determinar o ano, da mesma forma como a Jornada de Outubro do ano passado tem sido determinante até hoje. Não encerremos aqui o assunto, porque ainda falta muito para entender o que significa essa paternidade, essa filiação, para estarmos cada vez mais magnetizados por Cristo.

A próxima Escola de Comunidade (na Itália) será na quarta-feira, 20 de novembro, às 21h.

Vamos começar o trabalho sobre o novo livro, *Deixar marcas na história do mundo* (São Paulo: Companhia Ilimitada, no prelo), que Dom Giussani escreveu junto com Stefano Alberto (padre Pino) e Javier Prades.

Nesse texto estão reunidas as reflexões de Dom Giussani sobre a experiência cristã em diálogo com os responsáveis do Movimento durante os anos noventa. Essas falas marcaram o caminho e acompanharam a vida do Movimento naqueles anos. Dom Giussani falava desse livro como de “novos passos de experiência cristã”, com referência a um dos primeiros textos do Movimento – *Passos de experiência cristã* –. É uma grande ajuda para continuarmos o percurso que fizemos nestes últimos anos. Começamos com *O senso religioso*, do qual somos constituídos; depois refletimos sobre o que está *Na origem da pretensão cristã*, que investiu a nossa vida; por fim trabalhamos sobre *Por que a Igreja*, a prolongação de Cristo no tempo e no espaço. Agora vamos ver o que é que tudo isso diz à vida em sua cotidianidade. No último ano, estivemos diante do testemunho de Dom Giussani “Vivo é algo presente!”. Acolhemos o desafio posto pela sua pergunta: “O que resiste ao impacto da passagem do tempo?”, que encaramos nos Exercícios do CLU e da Fraternidade, com os quais muitos de vocês contribuíram a partir da própria experiência. Na Jornada de Outubro deste ano, ressaltamos que a experiência é “a palavra-chave de tudo”. Dom Giussani dizia: “Foi por meio de uma experiência verdadeira e objetiva que os homens se aperceberam da presença de Deus no mundo” (p. 21), como vimos também esta noite. É ao depararmos com uma presença que surge em nós a pergunta: “Quem é este?”. O novo livro insere-se neste percurso. Com *Deixar marcas na história do mundo*, poderemos aprofundar mais ainda justamente os conteúdos da Jornada de Outubro. De fato, vamos ver a experiência cristã que Dom Giussani nos testemunha e nos propõe, toda a sua preocupação em afirmar o método do

Movimento: a redescoberta do acontecimento cristão como encontro. Tendo visto quantas vezes – ao longo do caminho – caímos nas nossas reduções do cristianismo, a insistência de Dom Giussani é um sinal da sua paternidade. Por isso dizia: “Para que o reconhecessem, Deus entrou na vida do homem como homem, segundo uma forma humana, de modo que o pensamento, capacidade de imaginação e a afetividade do homem foram como que ‘bloqueados’, magnetizados por Ele” (p. 22-23). Se isso não acontece, nós não O conhecemos.

Também vamos ver toda a amplidão do arcabouço de Dom Giussani acerca da fé: “Esta é a vitória que venceu o mundo: a nossa fé”, isto é, o reconhecimento da Sua presença presente, uma Presença que te toma nas entranhas e que continua no tempo através da Igreja, a contemporaneidade de Cristo na história, “a companhia formada por aqueles que Cristo identificou consigo” e que se manifesta na história como um povo novo, “um lugar que é caminho” (como dissemos nos Exercícios da Fraternidade).

O trabalho até 20 de novembro será sobre estas partes: a “Introdução” e os dois pontos iniciais do primeiro capítulo (“O acontecimento cristão como encontro”), que são “André e João” e “O método de Deus”.

Como sempre, é possível mandar perguntas e breves contribuições a: sdccarron@comunioneliberazione.org; para ao estrangeiros, até sexta-feira à noite (pois devem ser traduzidas), e para os italianos até domingo à noite anterior ao nosso encontro, com um número de celular para podermos contatá-los.

O livro do bimestre para novembro e dezembro (na Itália) será *Il cuore del mondo*, de John Henry Newman (Bur, coleção Biblioteca do Espírito Cristão).

A leitura desse livro permite-nos conhecer o pensamento e a fé do Cardeal Newman, que, como sabem, foi proclamado santo pelo Papa Francisco no último dia 13 de outubro. Ele antecipou muitas das coisas que escutamos também esta noite sobre a forma de viver a fé.

O Movimento propõe a todos que apoiem estes dois gestos: primeiramente o Dia Nacional da Coleta de Alimentos, que acontecerá (na Itália) no sábado, 30 de novembro, em adesão ao Dia Mundial dos Pobres, proposto pelo Papa para domingo, 17 de novembro. Em sua mensagem, o Papa, com as palavras do salmo 9 – “A esperança dos pobres jamais se frustrará” –, convida-nos a restituir a esperança perdida diante das injustiças, dos sofrimentos e da precariedade.

O outro gesto é a Campanha Tendas da Avsi, que este ano terá como título *Venha lançar-se conosco. Gerações novas, protagonistas do mundo*. Será para apoiar projetos na Síria, no Líbano, em Moçambique, na Amazônia, na Venezuela, na Itália e para o apoio à distância.

A Coleta de Alimentos e as Tendas da Avsi são dois gestos simples que nos educam a compreender que caridade é a paternidade que recebemos da nossa companhia, que nos faz ampliar o horizonte às necessidades do mundo. São gestos tão simples e que tocam as exigências fundamentais de cada homem, que podemos propô-los a cada uma das pessoas com quem compartilhamos a vida todo dia, para que possa renascer nelas uma curiosidade e uma esperança.

Veni Sancte Spiritus

Boa noite a todos!